



**Aulas Multimídias - Santa Cecília**

**Prof<sup>o</sup>. Pecê**

# Colégio Santa Cecília

## Literatura Brasileira – Prof.: Pecê

### Arcadismo no Brasil:

Cláudio Manuel da Costa

Tomás Antônio Gonzaga

Basílio da Gama

Frei José de Santa Rita Durão



# Cláudio Manuel da Costa (1729 – 1789)

Adotou o pseudônimo pastoril de Glauceste Satúrnio, sua musa é Nise.

- Pioneiro na poesia árcade brasileira, com a publicação de *Obras Poéticas* (1768), participou da Inconfidência Mineira. Preso, morreu no cárcere em condições misteriosas. Foi encontrado enforcado na prisão e a voz oficial declarou o fato como suicídio, entretanto é forte a tese de assassinato.
- Foi o líder do grupo árcade brasileiro e contribuiu para a difusão de ideias iluministas que trouxe de seus estudos na Europa.
- *Obras Poéticas* é composto por sonetos de inspiração camoniana, em que se percebe também a presença de antíteses e paradoxos, que denunciam uma influência barroca.
- Sua poesia retrata a paisagem local, falando de “vaqueiros”, e não de pastores gregos, além de referir-se a “penhas” e “montes”, que sugerem a região serrana de Minas Gerais, onde fica Ouro Preto, na época, Vila Rica.
- O poema épico *Vila Rica* trata do heroísmo dos bandeirantes que desbravaram a região e fundaram a cidade homônima.

# Tomás Antônio Gonzaga (1744 – 1810)

Nascido em Portugal, veio ainda criança para o Brasil. Na juventude, estudou Direito em Coimbra e teve contato com ideias iluministas.

- Adotou o pseudônimo de Dirceu e tornou-se o poeta árcade mais popular do Brasil. Sua musa é Marília (Maria Doroteia de Seixas).
- Sua obra lírica *Marília de Dirceu* traz elementos autobiográficos, como o fato de tratar de uma mulher real, e não uma idealização poética. Por essa razão, apresenta um certo teor emocional que o aproxima, em certos momentos, do Romantismo. Há também referências à Inconfidência.
- Gonzaga também produziu poesia satírica, os poemas anônimos intitulados *Cartas Chilenas*, em que satirizava os desmandos do governador de Minas Gerais Luís da Cunha Menezes. Embora os textos circulassem clandestinamente e não fossem assinados, estudiosos são unânimes em atribuí-los ao poeta, que estabelece a seguinte relação:

Santiago do Chile (Minas Gerais); Critilo, o remetente (Tomás A. Gonzaga); Doroteu, o destinatário (Cláudio Manuel da Costa); Fanfarrão Minésio, governante do Chile (Luís da Cunha Menezes).

# Basílio da Gama (1741 – 1795)

Nasceu no Brasil e estudou em Portugal e na Itália. Por ter estudado em colégio jesuíta, foi acusado de jesuitismo, fato passível de punição com exílio em Angola.

- Chegou a fazer parte da famosa *Arcádia Romana*, na Itália, adotando o pseudônimo de *Termino Sipílio*.
- Escreveu o poema épico *O Uruguai*, que narra a guerra dos exércitos português e espanhol contra índios e padres jesuítas na região de Sete Povos das Missões, em 1757.
- O poema coloca os jesuítas como vilões, corruptores e manipuladores dos índios, por isso é visto como uma tentativa de Basílio da Gama de se livrar das acusações de jesuitismo.
- O autor não seguiu a estrutura clássica de os *Lusíadas*, pois só apresenta 5 cantos, seus versos são brancos (sem rima) e o poema não tem divisão de estrofes. Além disso, já se inicia com ação.
- Personagens: Gomes Freire de Andrade (herói, líder das tropas luso-espanholas); Lindoia, Cacambo, Sepé, Caititu (índios, vítimas da maldade dos jesuítas); Padre Balda e seu filho Baldeta (jesuítas, vilões).
- O poema introduz o índio na literatura, antecipando o indianismo romântico. Há um momento de lirismo no suicídio de Lindoia, esposa de Cacambo, que se deixa picar por uma cobra para não ser forçada a casar-se com Baldeta.

# Frei José de Santa Rita Durão (1722? – 1784)

Nasceu no Brasil, mas completou os estudos em Portugal, onde viveu a maior parte da vida.

- Seu poema épico *Caramuru* foi definido por ele como um ato de “amor à pátria. O poema tem forte caráter nativista, assim como *O Uruguai*, porém este o supera na forma de retratar a natureza brasileira. Santa Rita Durão por não conhecer tão bem sua terra natal, trata-a com certo artificialismo e exagero que lembra os cronistas do Quinhentismo.
- O tema é a vida do náufrago Diogo Álvares Correia entre os índios tupinambás, que o chamaram de Caramuru, deus do trovão, ao verem-no usar uma arma de fogo. Diogo relaciona-se com as índias Moema e Paraguaçu. Ao ser resgatado por uma nau francesa, leva Paraguaçu para a Europa, e Moema, tentando alcançar o navio, morre afogada.
- O poeta obedeceu rigorosamente a estrutura camoniano: 10 cantos, versos decassílabos, estrofes de 8 versos no esquema ABABABCC.

# Textos para análise:

Já me enfado de ouvir este alarido,  
Com que se engana o mundo em seu cuidado;  
Quero ver entre as peles, e o cajado,  
Se melhora a fortuna de partido.

Canse embora a lisonja ao que ferido  
Da enganosa esperança anda magoado;  
Que eu tenho de acolher-me sempre ao lado  
Do velho desengano apercebido.

Aquele adore as roupas de alto preço,  
Um siga a ostentação, outro a vaidade;  
Todos se enganam com igual excesso.

Eu não chamo a isto já felicidade:  
Ao campo me recolho, e reconheço,  
Que não há maior bem, que a soledade.

*(Cláudio Manuel da Costa)*





## A morte de Lindóia (Canto IV)

Este lugar delicioso, e triste,  
Cansada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a mísera Lindóia.  
Lá reclinação, como que dormia,  
Na branda relva, e nas mimosas flores,  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
De um fúnebre cipreste, que espalhava  
Melancólica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim sobressaltados,  
E param cheios de temor ao longe;  
E nem se atrevem a chamá-la, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,  
E fuja, e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitutu, que treme  
Do perigo da irmã, sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes  
Soltar o tiro, e vacilou três vezes  
Entre a ira e o temor. Enfim sacode  
O arco, e faz voar a aguda seta,  
Que toca o peito de Lindóia, e fere  
A serpente na testa, e a boca, e os dentes  
Deixou cravados no vizinho tronco.  
Açouta o campo co'a ligeira cauda

O irado monstro, e em tortuosos giros  
Se enrosca no cipreste, e verte envolto  
Em negro sangue o lívido veneno.  
Leva nos braços a infeliz Lindóia  
O desgraçado irmão, que ao despertá-la  
Conhece, com que dor! no frio rosto  
Os sinais do veneno, e vê ferido  
Pelo dente sutil o brando peito.  
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,  
Cheios de morte; e muda aquela língua,  
Que ao surdo vento, e aos ecos tantas vezes  
Contou a larga história de seus males.  
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,  
E rompe em profundíssimos suspiros,  
Lendo na testa da fronteira gruta  
De sua mão já trêmula gravado  
O alheio crime, e a voluntária morte.  
E por todas as partes repetido  
O suspirado nome de Cacambo.  
Inda conserva o pálido semblante  
Um não sei quê de magoado, e triste,  
Que os corações mais duros entenece.  
Tanto era bela no seu rosto a morte!

*(Basílio da Gama)*

## O Afogamento de Moema ( canto VI)

É fama então que a multidão formosa  
as damas, que Diogo pretendiam,  
Vendo avançar-se a nau na via undosa,  
E que a esperança de o alcançar perdiam,  
Entre as ondas com ânsia furiosa,  
Nadando o esposo pelo mar seguiam,  
E nem tanta água que flutua vaga  
ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo assombrada;  
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,  
Pasma da turba feminil que nada.  
Uma, que às mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bela do que irada:  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apega ao leme.

"Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem...  
Porém o tigre, por cruel que breme,  
Acha forças amor que enfim o domem;  
Só a ti não domou, Por mais que eu te ame.  
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,  
Como não consumis aquele infame?  
Mas pagar tanto amor com tédio e asco...  
Ah! que corisco és tu... raio... penhasco!

Bem puderes, cruel, ter sido esquivo,  
Quando eu a fé rendia ao teu engano;  
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,  
Que é favor, dado a tempo, um desengano;  
Porém, deixando o coração cativo  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, traidor, e desta sorte  
Paga meu fino amor tão crua morte?